

Editorial

**A História do Tempo Presente: incômodos e
desafios no tempo**

**The History of the Present: tensions and
challenges of time**

Dilton C. S. Maynard¹

Jorge Luiz Zaluski²

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História e do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC/UFRJ). Bolsista Produtividade CNPq. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente. Coordena o projeto Segunda Guerra Mundial no Nordeste Brasileiro: cotidiano e transformação social, apoiado pelo Edital FAPITEC/SE/FUNTEC n° 01/2024 Universal e CNPq/MCTI n° 10/2023 – Universal. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9780-0260>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7966825011414341>. E-mail: dilton@getempo.org

² Doutor em História do Tempo Presente pelo Programa de Pós-Graduação em História Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC. Professor do departamento de História, do Programa de Pós-graduação Profissional em Ensino de História (ProfHistória) e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), campus São Cristóvão. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6749402096791048>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0795-263X>. E-mail: jzaluski@academico.ufs.br.

Como nos lembra Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2021), “a história humana será aquilo que os humanos fizeram dela. Nada promete ou garante que a história caminhe para a frente, para um estágio sempre mais perfeito ou superior que o anterior”. Nesse constituir-se do tempo, passado, presente e futuro se atravessam, alguns passados parecem já estar superados, outros, por vezes, apresentam novos incômodos e continuam a nos assombrar.

Desde sua primeira edição, em 2012, a revista Boletim do Tempo Presente vem reunindo reflexões que problematizam as continuidades dos passados ao longo do tempo. Pesquisadores e pesquisadoras de diferentes instituições nacionais e internacionais buscam o periódico por reconhecerem sua potencialidade como espaço de divulgação e ampliação dos debates sobre as diversas temáticas da grande área da História do Tempo Presente (HTP).

A exemplo disso, especialmente nos dois últimos anos, a revista passou a receber textos a partir de chamadas de dossiês temáticos. Nesse formato, o periódico publicizou 53 trabalhos oriundos de chamadas organizadas por doutores e doutoras responsáveis por cada dossiê, a saber: *60 anos do golpe civil-militar: história, historiografia e suas reverberações*, organizado por Mélanie Toulhoat, Nashla Dahás e Paulo César Gomes Bezerra; *Ensino de História em Tempos Digitais*, organizado por Martha Isabel Barrero Galindo; *Cultura, consumo e experiências infantojuvenis na América Latina*, organizado por Camila Serafim Daminelli e M. Paula Bontempo; *História pública, tempo presente e o futuro da esperança*, organizado por Marta Gouveia de Oliveira Rovai, Ricardo Santhiago e Fabiúla Sevilha de Souza; *A História e a Crise Ambiental Contemporânea: degradação e esperança*, organizado por Alfredo Ricardo Silva Lopes, Mario Martins Viana Júnior e Elisa Botella-Rodríguez; *Migrações contemporâneas e diálogos interculturais no Tempo Presente*, organizado por Michelle Maria Stakonski Cechinel e Gláucia de Oliveira Assis; e, por fim, *Nas fronteiras entre saúde e política: ciência, doenças,*

projetos de poder e lutas por reparação no tempo presente, organizado por Adriana Carlina Alvarez, Dones Cláudio Janz Jr., Luiz Alves Araújo Neto e Natália Abreu Damasceno. A revista também publicou resenhas e artigos submetidos em regime de demanda contínua.

Para encerrar o ano de 2025, a edição número 04 conclui o décimo quarto volume com trabalhos submetidos no formato de demanda contínua. São pesquisas que partem de distintas provocações e incômodos, mas que se aproximam ao compreenderem as relações entre o tempo, as ações humanas e suas continuidades no fazer-se do presente, bem como suas possíveis extensões no futuro.

O primeiro artigo da edição, *“A ilusão do progresso: trabalho e experiência na Coopagro (Toledo-PR, 1970-1980)”*, de Gustavo Guilherme Schneider, problematiza as narrativas veiculadas em periódicos ligados à cooperativa a partir do diálogo com as memórias de trabalhadores e trabalhadoras da *Coopagro* nas décadas de 1970 e 1980. A análise permite desconstruir narrativas oficiais e, além de oportunizar espaços de escuta aos trabalhadores, contribui para a compreensão das relações entre as ações desenvolvidas pela cooperativa e o contexto nacional.

No mesmo sentido de oportunizar espaços de escuta e confrontar com narrativas oficiais, Anna Karoline da Silva Nascimento, em *“Quem bate cartão não enriquece: memórias do trabalho na Itapagé S/A em Coelho Neto, MA (1990-2000)”*, analisa como as memórias acerca da indústria *Itapagé S/A* contribuíram para a construção da subjetividade de uma ex-trabalhadora no município de Coelho Neto, no leste do Maranhão. A investigação, ancorada na História Oral, contrapõe as narrativas oficiais e empresariais à narrativa da trabalhadora. Como destaca a autora, “a memória operária, neste contexto, revelou-se não apenas como um arquivo de sofrimento, mas como um espaço de lucidez analítica”.

No terceiro artigo, *“Entre botas e câmeras: cinema, juventude e intolerância no século XXI”*, Paulo Roberto Alves Teles investiga as representações da intolerância e do neofascismo a partir do documentário *Skinhead Attitude!* (2003), de Daniel Schweizer. O autor busca compreender como o cinema produz leituras sobre grupos juvenis *skinheads* e de que maneira essas representações dialogam com a ascensão da extrema direita no século XXI. Para Teles, as produções audiovisuais documentam e reinterpretam a intolerância, contribuindo para o debate sobre memória, identidade e resistência.

Luiz Fernando de Oliveira Rosseto e Pedro Carvalho Oliveira, em *“A perseguição nazista a homossexuais na França e na Alemanha: uma perspectiva comparada a partir das memórias de Pierre Seel e Rudolf Brazda sobre o trauma”*, apresentam um estudo comparado entre as obras *Eu, Pierre Seel, deportado homossexual* (2012) e *Triângulo rosa: um homossexual no campo de concentração nazista* (2011), escritas, respectivamente, por Pierre Seel e Rudolf Brazda, sobreviventes do Holocausto. Para os autores, tratam-se de narrativas sensíveis e testemunhos de experiências traumáticas. Por outro lado, a investigação evidencia a contribuição dessas obras para os estudos historiográficos e para os incômodos com o passado, na tentativa de e compreendê-lo e retê-lo.

Em *“Legendas iguais, mas pretensões diferentes: uma análise sobre a ARENA e a reconfiguração da política sergipana nas eleições de 1970”*, Alexandre Firmo dos Santos e Maria Amélia Aragão Souza investigam a reconfiguração política em Sergipe a partir da composição da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) nas eleições de 1970, durante a ditadura militar. A análise evidencia que as legendas partidárias passaram a se apresentar de forma homogênea, como se estivessem padronizadas, a fim de seguir as diretrizes impostas pelo regime militar.

Encerrando a edição, Luis Claudio Santana Pereira e Ana Gabriela Rodrigues Cardoso, em *“Ensinar história a partir do cotidiano: a história local como estratégia educativa”*, analisam como a história local pode funcionar como estratégia pedagógica para superar narrativas tradicionais e promover maior engajamento discente, fortalecendo identidades e consciências históricas. Para os autores, a valorização da história local favorece aprendizagens significativas, amplia a compreensão crítica do mundo e contribui para a desconstrução de estereótipos ainda fortemente presentes na historiografia e no ensino de História.

Agradecemos aos autores e autoras deste volume e reiteramos nosso agradecimento aos demais colaboradores e colaboradoras que, nos últimos anos, contribuíram para as edições da revista, entre eles organizadores e organizadoras de dossiês, autores, pareceristas e toda a equipe editorial. E, mesmo como advertido a partir das reflexões de Durval no início deste texto, de que “nada promete ou garante que a história caminhe para a frente, para um estágio sempre mais perfeito ou superior que o anterior”, desejamos a todos e todas um excelente 2026, para que possamos, juntos, constituir novos futuros possíveis.

Boa leitura!